

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A Gazeta

Class.: Nambiquara 402

Data: 26/08/93

Pg.: _____

Violência contra índios em Mato Grosso

Indigenistas dizem que a situação no Estado poderá ficar muito violenta

Alda Zorman
Da Redação

O massacre dos índios ianomamis em Roraima deixou claro o nível de exploração que existe hoje dentro das áreas indígenas em todo o país. O próprio presidente Itamar Franco, contrariado com as repercussões internacionais do caso, promete punir os responsáveis. No entanto, entidades ligadas a defesa dos povos indígenas não acreditam que os verdadeiros culpados pelo massacre serão punidos. Para o coordenador regional do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), Sebastião Carlos Moreira, as autoridades não chegarão aos culpados porque não existe hoje no país uma vontade política de se resolver os problemas dos povos indígenas. Segundo Maria Clara Migliacio, representante da Comissão de Apoio Indigenista ao Povo Nambiquara, Awauru, as ações governamentais trabalham com os "sintomas" e não com as causas da situação. E, neste caso dos ianomamis, as autoridades irão procurar quem apertou o gatilho e não o mandante. Os representantes das duas entidades alertam que no Estado de Mato Grosso os conflitos existentes em áreas indígenas também poderão ter graves consequências se nenhuma providência for tomada. Um exemplo de conflito está no município de Comodoro, onde os índios nambiquaras do Vale do Guaporé são vítimas das ações dos madeireiros.

A falta de credibilidade nas atitudes anunciadas pelo governo federal para punir os responsáveis pelo massacre dos ianomamis manifestada pelo coordenador do Cimi, é baseada em alguns exemplos. Entre eles a falta de medidas para realmente tirar das terras indígenas os garimpeiros e madeireiros que estão enriquecendo a custa da exploração dos índios. Segundo Sebastião Carlos, além da demarcação das terras o governo precisa colocar em prática medidas de preservação das reservas e garantir o respeito às áreas e aos povos indígenas. O coordenador do Cimi acrescentou também que os índios, no Brasil, estão sem assistência devido ao sucateamento da



Fundação Nacional do Índio (Funai), um órgão que hoje está sem recursos humanos e financeiros para trabalhar.

Mato Grosso — "Uma situação imprevisível, caminhando para a violência incontrolável". Assim definiu a situação dos índios nambiquara no Vale do Guaporé a representante da Awauru. Segundo Maria Clara Migliacio, as áreas indígenas Sararé e Vale do Guaporé, demarcadas em 83, têm sofrido constantes invasões e exploração ilegal de seus recursos naturais. A primeira invasão ocorreu na década de 90, quando 5000 garimpeiros invadiram a reserva e na segunda foram explorados milhares de metros cúbicos de madeiras nobres como o mogno. Maria Clara acrescentou que em 88 a Justiça Federal sustou os contratos ilegais de exploração de madeira nas áreas indígenas Sararé e Vale do Guaporé, firmados pelo ex-presidente da Funai, Romero Jucá Filho, e madeireiros, que somavam 65 mil metros cúbicos em mogno e cerejeira. Ela informou que entre esses madeireiros figura o nome de Vilson Piovesan Pompemayer, atual prefeito de Comodoro.

Segundo a representante da Awauru, a lista de madeireiros que atuam na região aumentou e a ousadia deles também. Maria Clara acrescentou que hoje os madeireiros andam com armamento pesado, inclusive metralhadoras, para fazer frente aos índios que tentam proteger suas terras e as riquezas nelas existentes. De acordo com Maria Clara e Sebastião Carlos, além de enriquecer ilícitamente, alguns madeireiros que atuam

no Estado, a exploração da madeira no Vale do Guaporé tem servido para jogar na marginalidade famílias indígenas inteiras que se amontoam na cidade de Comodoro. Maria Clara reforçou que atraídas pelas promessas dos madeireiros, essas famílias estão transitando como indigentes pela cidade, sendo expostas a todo o tipo de humilhação e contraindo as doenças.

Outra prática adotada pelos madeireiros, conforme Maria Clara, é o uso de grupos indígenas de outras áreas e de outras etnias para dar uma aparência de "legitimidade" à sua ação e tem madeireiros apresentando esses grupos com armas de fogo para promover-lhes "proteção". "Desta forma eles fazem frente tanto aos índios que resistem, quanto a própria Polícia Federal", explicou Maria Clara.

A situação no Vale do Guaporé, segundo a representante da Awauru, ficou ainda mais crítica depois do dia 13 de agosto quando morreu com um tiro o líder do grupo Mamaindê, Pedro Mamaindê, que sempre lutou contra a exploração na suas terras. Maria Clara acrescentou que Pedro Mamaindê sempre combateu a extração ilegal da madeira e se recusa a aceitar a presença de qualquer pessoa estranha nas suas terras. Ela informou que no último domingo o filho de Pedro Mamaindê, Paulo Mamaindê, passou por Cuiabá e viajou para Brasília, onde foi pedir segurança nas aldeias.

Maria Clara Migliacio informou que uma relação com o nome de mais de 30 madeireiros que roubam madeiras na reserva Vale do Guaporé foi encaminhada à Polícia Federal, através da Procuradoria da República em Mato Grosso.

CIMI - 1

Fonte: A Ga

Data: 26/08